ITALIA
RECORDAÇÕES
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
Dr. Luiz Jardim

Italia
Recordações

SENHORA! — Portugal de ha muito é vossa patria; e tal o haveis confirmado, que até vestistes os trajos do povo. Comtudo, jámais se esquece o proprio berço. A quando aos graves negocios publicos, e ás festas populares, tão sympathicas da nossa gente, sob este ceu de azul, como o vosso, Senhora, o da Italia, deveis recordar, por certo, as antigas e grandiosas cidades, de onde trez vezes sahiu a «ideia» a civilisar o mundo; deveis ainda recordar os cantos e danças das costas maritimas do vosso formoso paiz, que dão sorrisos de juventude ás velhas tradicções italianas; e, depois, o vosso glorioso pae, que reuniu os elementos dispersos do mesmo povo, formando a «Italia-una».

Do vosso paiz, um dos primeiros da Europa, aqui vos traz algumas recordações fugitivas quem sempre cumprimentou respeitoso tão illustre Senhora, que sois, e que egualmente se descobriu com respeito perante um povo illustre, visitado pelas ondas de trez grandes mares: o Tyrrheno, o Adriatico e o das ideias.

Desculpae, Senhora, tão limitada offerenda. Chamam-vos o Anjo da Caridade. Assim o creio, que sois mulher, mãe e rainha.

Dr. Luiz Jardim

D. MARIA PIA DE SABOIA

RAINHA DE PORTUGAL

Typ. Christovão.

DÓNNA REGINA

Em 1861, Garibaldi, no intuito magnanimo de acudir aos povos da Italia do Sul, dirigia energico appello ás senhoras italianas, para que erguessem cruzada civilisadora na fundação de escolas elementares e industriaes.

O appello do ouzado caudilho, echoando em Turim, teve de prompto o maior acolhimento, pois se constituiu a *Associação philantropica das senhoras italianas*, tomando a presidencia a illustre princeza, D. Maria Pia de Saboya, hoje a rainha dos portuguezes.

Desde logo, tão sympathico directorio deu provas inequivocas de amor á instrucção popular, reerguendo a escola da *Torre-del-Greco*, abatida em 1860 por um abalo da terra, e indo fundar em Napoles, um collegio elementar para meninas, que foi entregue á direcção de uma intelligente senhora ingleza Miss Reeve, cuja memoria, ainda ao presente, é lembrada com saudades, porquanto succumbira ao cholera, no seu posto do magisterio, victima da propria dedicação.

Em 1868 envidava esforços a sociedade em completar este seu primeiro instituto de ensino com uma escola industrial, para a aprendisagem das creanças; taes desejos, porém, apenas se puderam cumprir em 1873, pois, n'este anno, não sómente o municipio de Napoles lhe concedeu o antigo convento *Dónna Regina*, onde foi installada a escola, mas até lhe veiu offerecer o insigne Scialoja, ministro da instrucção publica, as 24:000 liras, promessa não cumprida do ministro que o precedera, o commendador Correnti.

N'estas circumstancias abriu a commissão, em Napoles, um outro estabelecimento educador, no ex-*collegio-medico*, cujo ensino, a começar no jardim da infancia, continúa gradualmente pelas diversas classes da instrucção primaria.

Em 1883 regía a secção infantil d'esta escola, uma senhora allemã, que aprendera o systema de Frœbel em Hamburgo; e das secções subsequentes, do ensino elementar, era professor um moço italiano, que fôra discipulo de Shields, nas celebres escolas de Birbeck.

Para aquelles institutos de educação, afamados na Europa, ainda consignam verbas annuaes em seus orçamentos, o governo italiano, a provincia e o municipio de Napoles; e de toda a parte lhes acodem importantes donativos. De modo que, a *Associação philantropica das senhoras italianas*, presidida pela Sr.ª D. Maria Pia de Saboya, deu para o ensino popular, notaveis estabelecimentos educadores que, dia a dia, veem erguer-se outras escolas, possuidas dos mesmos intuitos, comquanto divergentes algumas no modo pratico de os realisar.

*
* *

Em Napoles vimos *Dónna Regina*, a escola-modelo no ex-*collegio-medico*, e depois o «*Seminario frœbeliano feminile*», onde são educadas as *jardineiras*, que, na Italia meredional, se destinam ao cultivo das formosas plantas humanas: — as creanças.

NA BAHIA DE NAPOLES

Se ao poeta das *Meditações*, na critica de Luiz Ulbach, lhe faltou a imaginação do inventor, soube, porém, crear vulto, colorido e sentir ao pensamento de todos; verdade, que melhor se comprehende no golpho de Napoles, ao contemplar-se o ceu azul, o mar sereno, as curvas graciosas das montanhas, e as enseadas, onde, no tempo calmo, se desdobram as ondas pequeninas, simpleces rugas, que balouçam vagamente as verdejantes algas e a flôre das acacias e roseiras, que se debruçam sobre as aguas.

Comprehende-se, quando o sol tinge de tons vivos, quentes e alegres, as aldeias, que ora emergem das ondas, ora as espreitam, penduradas nas roccas, a sorrir dentre os verdes pampanos; quando

na fimbria da montanha, ou nas encostas dos vallos, surde a velha torre feudal, ou o palacio das thermas antigas, ou, entre rochedos, a piscina subterranea de alguma communidade monastica, cheia de silencio e mysterios.

Então, nas margens do golpho, quando aquella natureza se esmalta de risos, se veste de côres, e tem nas suas enseadas, hymnos; nas encostas, eccos; debaixo dos seus arvoredos, sombras; em seus palacios, melancolias; nas suas ruinas, tradições; e no seu mar, barcos ligeiros; quando isto tudo se vê e sente, evocando recordações, saudades e desejos, n'aquella terra vulcanica, que desperta todas as appetencias da imaginação e dos sentidos, que não é bem pagã, nem bem christã; — nasce no fundo do espirito uma graciosa creação, que Lamartine soube definir, e chama-se, resumindo todos os suspiros do golpho: — Graziella!

Sorrento, 15 de junho de 1883.

EM BOLONHA

Ha na Italia duas nações, a dos vivos e a dos mortos. A dos vivos é brilhante, grande, e cheia de hymnos victoriosos, desde S. Rémo até Milão; descendo pela costa Tyrrhena e subindo pela do Adriatico. A dos mortos tem a eloquencia melancolica dos tumulos; mas é ainda talvez maior do que a nação dos vivos. É que ali os mortos são tão illustres, que desapparecidos d'entre os homens, voltam a conversar com elles á grande luz do renome e da immortalidade. Não ha sómente ali tumulos de cidadãos illustres; ha tambem cidades inteiras no tumulo. Bolonha é uma d'estas cidades. Esta intelligente e activa republica do seculo XII, dorme hoje envolta na grande mortalha do silencio. É a cidade das arcadas, em que as ruas parecem claustro de frades. Quando se percorre á sombra as immensas galerias do arruamento, o trauseunte sente o ecco dos seus passos, e volta-se acreditando, que alguem o segue, que uma porta rangeu, ou que uma creança chorou.

Ninguem: sómente o silencio e a luz clara do sol, desenhando no meio da rua as sombras das arcarias. É uma cidade da edade media, menos as paixões d'aquelle tempo. A qualquer hora que se percorra Bolonha é sempre este o effeito produzido. É uma necropole antiga, povoada de sombras; communa medieval, sem a torre do appellido, nem as tropas concelheiras. Não é uma cidade da renascença, ainda que lá esteja erguido de pé sobre o throno d'aquella solidão o Neptuno de João de Bolonha. Para este notavel monumento, caminha o viajante, quando lhe peza no espirito o enorme zumbido do grande silencio. Aquelle monumento de bronze é o unico vivo d'aquella illustre cidade; tão grande é o poder do genio, que produz creações que nunca morrem!

Andei nas ruas desertas de Bolonha á procura da universidade do seculo XII, onde ensinara Jrnerio, aprendera Arnaldo de Brescia, e estudara João das Regras o direito romano; e não a encontrei. Vi a universidade d'este seculo, onde á entrada se encontra uma lapide commemorativa dos estudantes, que morreram pela causa italiana. Ah! no meio d'aquella cidade antiga, pouco se me dava da causa da liberdade moderna. O que então me aprezava com saudades o animo eram as *escolas geraes* do seculo XII, onde vinham frequentar, em 1119, 5:000 estudantes de todas as nações da Europa, e 10:000 no seculo XIII. Eram aquelles famigerados *estudos*, cujos creditos foram taes, na edade media, que déram á cidade a divisa, que ella mandou gravar nas suas moedas: — *Bononia docet;* a universidade medieval finalmente, a do seculo XIV, onde a formosissima Novella Andrêa lêra o direito justinianeo, na ausencia de seu pae, velando a deslumbrante formosura para não desviar a attenção dos ouvintes. Senão, adeus sciencia! Mas ninguem me deu noticias da erudita escola. E nem logrei vêr a do seculo XV onde Propercia dé Rossi abriu escola publica de esculptura; menos a que veiu depois, a da renascença, onde Laura Bassi ensinou as mathematicas e a physica, Anna Manzolini anatomia, e Clotilde Tambroni o grego. Mostraram-me a do seculo XVIII, onde exerceu o magisterio o illustre José Galvani (1789), o descobridor do *galvanismo;* está, porém, hoje installada no antigo palacio Cellezi, conta apenas, 400 estudantes!

* * *

A historia das cidades tem, como a vida dos varões illustres, uma pagina, que, sobrexcedendo as demais, lhes imprime relevo e caracter. Bolonha teve a sua, a Universidade. Não se compre-

hende aquelle severo municipio de palacios antigos, de ruas tortuosas, e escuro de sombras, sem a *formosa juventus* das escolas. Desde que ella se foi embora, Bolonha entristeceu. Teve, de certo, dias celebrados no campo da arte e nos enredos da politica. Aos fins do seculo XVI, quando as escolas de pintura esmaeciam na Italia, saía-se Bolonha com os seus Carrache, indo escrever mais uma data gloriosa na grande chronica do tempo. As duas torres, a Azinella e a Garizenda, velhas comadres, lá se ficam ao fim da *strada Ugo Bassi*, para attestar, que assistiram na Romagna ao desdobramento de graves acontecimentos; viram no claro-escuro da edade-media passar a *silhouette* dantesca de Arnaldo de Brescia; por de meio das paixões ardentes da renascença, o vulto reservado de Carlos V, ungido imperador na egreja de S. Petrorio pelo pontifice Clemente VII; seus velhos nomes, os Marescalchi, Caprara e Aldini, um dia, ali vieram dizer a Napoleão I, que era elle um dos mais antigos da cidade. Mas, a historia de Bolonha é outra. Sem o torneio da *escholastica*, ou o *naturalismo* da *renascença*, em que vinham ás mãos os paladinos da dialetica ou os cavalleiros da toga, carecida das pugnas escolares, sem a paixão litteraria, já sem voz, a cidade concentra-se. Á imitação de madame de Sevigné, quando na velhice, escreve memorias; retira da scena do mundo, e cultiva o espirito para que lhe relevem a decrepidez. O publico tranquillamente sentado, ainda espera que voltem ao proscenio os dramas historicos, as comedias galantes, os *passe-passe* dos prestidigitadores, as visagens dos momos, os saltos dos alcides e acrobatas, o ruido das festas e tragedias, a vida finalmente com suas paixões espectaculosas. Nada, porém, voltará; o seu ultimo heroe está morto. Chamava-se José Mezzoffanti, que aos 36 annos sabia 18 linguas, e aos 60 fallava 42. Este polyglotta fez-lhe o catalogo das suas recordações litterarias e scientificas, e morreu. Com elle Bolonha. Hoje já se não diz *Bononia docet*. Chama-se *Bononia grassa*.

Assim empallidecem os destinos.

Bolonha, 20 de junho de 1883.

FLORENÇA

toda cidade medieval e da renascença. O seu presente e o seu futuro é o passado. É altamente dramatica, cheia de recordações e lembranças, mundo sentimental, onde as idéas fundidas no bronze e no ferro, cinzeladas na pedra e no marmore, presidem, severas, dignas, grandes, immortaes, á passagem dos seculos, á dos homens, e á das differentes civilisações, que ali enviam a seus filhos contemplar a casa do Dante, a de Machiavel, a de Gallileu, a villa Palmieri onde contou Boccaccio, e o grande Dumas,—as obras sempiternas de Miguel Angelo, e as madonas sorridentes, humanas, maternalmente formosas, de *Fra Bartolommeo della Porta*, de *André del Sarto*, do Raphael, e outros mestres illustres da *renascença*.

* * *

Além do quê, tem seis pontes, quatro de pedra e duas de ferro, sob as quaes passa o rio Arno, que o Dante, em lances de amargura, chorava no exilio; o Arno em cuja margem esquerda está o Monte Oliveto, o castello do general russo, parte da antiga muralha, conservando ainda duas bellas torres do seculo XII, Bello-Sguardo, e o *viale-dei-Colli*, orlado de elegantes *villas*, onde foi residencia de tudo o que as ultimas revoluções até ali arrojaram de mais illustre; e em que demorou, tres mezes em 1870, a imperatriz Eugenia e o seu mallogrado filho. Aquelle *viale-dei-Colli*, habitam-no de hynverno os estrangeiros illustres, os ricos genovezes, os banqueiros judeus de Veneza; e vae terminar aquella alamêda de sombras e flôres lá em cima, na grande e nova praça de Miguel Angelo, onde se ergue uma collossal copia em bronze do David, do primeiro esculptor da Europa: a qual é alta, de quatro metros, e que, sobranceira á cidade, está como a dizer aos homens: — Eu sou David, isto é a audacia, a energica vontade, a mocidade e o talento; e hei de soterrar o Gollias poderoso da materia e da ignorancia, e dos velhos preconceitos, e da força, com esta funda, que val dizer, com a grandeza que governa o mundo, isto é — com o genio.

É a imagem de Florença.

14 de maio de 1883.

SAN-RÉMO

Subi á velha cidade de S. Rémo, que ainda hoje possue as construcções antigas do seculo XII. Tem ruas estreitas, ingremes e tortuosas, cobertas, em parte, de abobadas de alvenaria, pelo que é difficil enxergar-se o ceu. Succedem ás abobadas arcos, e varões de ferro, que alli pozeram para sustentaculo das moradas humanas. Estas, ou se erguem em fórma de torre, ou são em subterraneos, aonde se desce da rua.

As casas torreadas teem as janellas á semilhança de setteiras, e nas suas paredes velhas serpeia a vide, que vae desabrochar no telhado, alando-se até ali em cata do sol; das janellas pende ás vezes um pobre enxoval; outras, por entre as grades de ferro, nos apparecem algumas cabeças loiras a destacar no escuro. Ao rez da rua abrem portas ogivaes, e logo ao entrar se ha de descer uma escaleira de pedra que nos leva a um pequeno atrio, onde duas ou trez entradas conduzem ás habitações subterraneas.

As ruas enladeiradas e em torcicolos, formam um labyrintho; são calçadas de pedras pequenas e roliças, d'estas que o vendaval e a enxurrada rolam da montanha ao mar, e que o mar, no seu fluxo e refluxo, vae polindo e arredondando. A espaços, um listrão de tijólos atravessa a rua, quando esta não tem na sua extensão uma larga faxa d'aquelles, unidos e collocados de gume. Debaixo das abobadas das ruas, e sempre nas curvas, em que ellas se contorcem, destaca não raras vezes a *madona*. Na *via-opaca* (todas ellas são opacas) a *madona* é de barro. Está quebrada; mas nos cotinhos dos braços pozeram flôres. No *vicolo-palma* é pintada a oleo n'um painel, e, sorrindo para o *banbino jesus*, parece querer dar-lhe animo para supportar resignado a humidade, as frias sombras, e até o cheiro bafiento d'aquellas vielas tortuosas. Não se veem em S. Rémo ruinas de palacios ou portaes com os restos de armarías. O que attesta o plebeismo da cidade.

Encontram-se, porém, admiraveis effeitos de luz, quadros ingenuos e vivos, que parecem reproducção de um alto relevo medieval. Duas casas vi, ligadas por um grande arco, e ficava-lhe a cavalleiro uma outra coroada de amêas, e tendo a meio lanço da frontaria um velho terraço á maneira de eirado. Duas mulheres costuravam, assentadas no arco, erguendo conversa para a varanda da tore, da qual lhes replicava uma outra, octogenaria talvez, que as fazia rir. Era caso de soalheiro o das trez, pois que o sol allumiava os cabellos brancos da plebeia castellã, e as côres vivas das saias das duas candongueiras. Fiquei-me a olhar para o quadro; e ainda lá estaria, se o rapazio, juntando-se em torno de mim, não convertessem a minha admiração artistica em grave escandalo para o burgo.

Depois de ter visto a pequena e antiga povoação de S. Rémo, comprehendi por que nos seculos XII e XIII se consumiam mezes e annos na conquista de uma cidade.

San-Rémo, 4 de maio de 1883.

ROMA

O santo padre Gregorio XVI, ancião espirituoso, de boamente dispensava audiencia aos estrangeiros. Tinha de costume perguntar-lhes o desde quando estavam em Roma. E ao responderem-lhe:—«Depois de trez semanas,» sorria-se, terminando:—«*Allons! adieu.*» Porém, se o viajante já ali estava residindo ha trez ou quatro mezes, a resposta era d'outra feição:—*Au revoir!*»

* * *

S. Pedro de Roma é um templo antigo, meio pagão. Os padres, os pontifices, velhinhos e avincados, deparam-se-nos alli formosos e collossaes velhos, sem rugas. A serena magestade das figuras, a grandeza do quadro em que destacam, a immensidade de luz que os innunda, tudo nos leva a crer, que além de pontifices da religião do crucificado, são os padres illustres da religião da humanidade.

Roma, 11 de maio de 1883.

VENEZA

(PASSEIO NO LIDO)

GONDOLEIRO, suspende a barca docemente
Na *laguna* sussurrante;
O impulso que a embala, abranda suavemente
No ermo areal distante;
Eu volto, gondoleiro, abrindo o peito ancioso
Ao echo triste e saudoso
De Clorinda e seu amante.

Muita vez um estrangeiro ao vagar n'esta praia
Ouviu do intimo d'alma a voz que além desmaia
Dos teus cantos maguados;
Quero vêr se o deserto aindá mostra um só traço
D'elle, que amou, soffreu e cantou como o Tasso
Teus versos inspirados.

Ó Lido, triste praia, ó mar ainda mais triste!
Que tremeste d'amor quando na onda altiva
Ao annel do Bucentauro o seio espumeo abriste!
De S. Marcos findou a festa ardente e viva.
Rialto já não ouve as barcarolas suaves.
Adeus, flammulas d'ouro e seda matisadas,
Ondulando em festões nas gondolas doiradas!
S. Marcos apagou a luz das amplas naves.

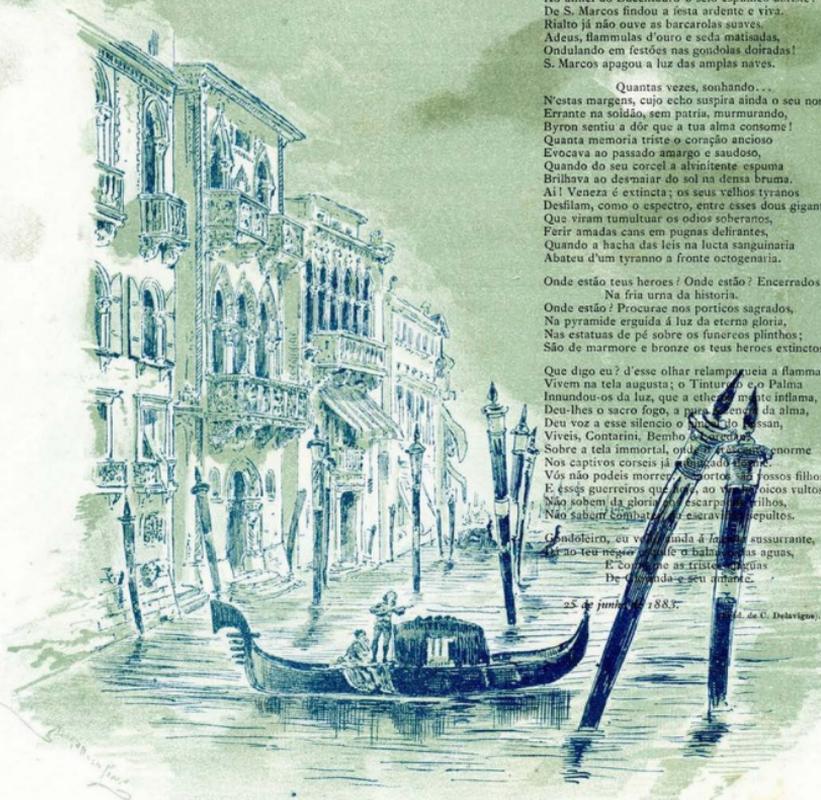
Quantas vezes, sonhando...
N'estas margens, cujo echo suspira ainda o seu nome,
Errante na soidão, sem patria, murmurando,
Byron sentiu a dôr que a tua alma consome!
Quanta memoria triste o coração ancioso
Evocava ao passado amargo e saudoso,
Quando do seu corcel a alvinitente espuma
Brilhava ao desmaiar do sol na densa bruma.
Ai! Veneza é extincta; os seus velhos tyranos
Desfilam, como o espectro, entre esses dous gigantes,
Que viram tumultuar os odios soberanos,
Ferir amadas cans em pugnas delirantes,
Quando a hacha das leis na lucta sanguinaria
Abateu d'um tyranno a fronte octogenaria.

Onde estão teus heroes? Onde estão? Encerrados
Na fria urna da historia.
Onde estão? Procurae nos porticos sagrados,
Na pyramide erguida á luz da eterna gloria,
Nas estatuas de pé sobre os funereos plinthos;
São de marmore e bronze os teus heroes extinctos!

Que digo eu? d'esse olhar relampagueia a flamma,
Vivem na tela augusta; o Tinturetto e o Palma
Innundou-os da luz, que a etherea mente inflama,
Deu-lhes o sacro fogo, a pura essencia da alma,
Deu voz a esse silencio o pincel do Bassan,
Viveis, Contarini, Bembo e Loredan,
Sobre a tela immortal, onde [illegible] enorme
Nos captivos corseis já [illegible] dorme.
Vós não podeis morrer... mortos são vossos filhos
E esses guerreiros que hoje, ao ver heroicos vultos,
Não sobem da gloria nos escarpados trilhos,
Não sabem combater, na escravidão sepultos.

Gondoleiro, eu volto ainda á laguna sussurrante,
Dá ao teu negro esquife o balanço nas aguas,
E conta-me as tristes maguas
De Clorinda e seu amante.

25 de junho de 1883.

(Trad. de C. Delavigne).

VENEZA

(OS PRETENDENTES)

D. Carlos o *pretendente hespanhol*, e o conde de Chambord, o *pretendente francez* tinham no Grande-Canal a sua residencia de proscriptos. Ao primeiro pertence a *cà Loredan*, ao segundo o palacio *Vendarmin-Calergi*.

Viajante incançavel, não estava em Veneza o duque de Madrid, quando ali me demorei alguns dias, nem o conde de Chambord, Henrique v, que n'essa occasião agonisava em Frohsdorff, n'um recanto da Austria, fronteiras da Styria. O palacio do conde, admirado entre os melhores de Veneza, pois o construira Pedro Lombardo, no primeiro periodo da renascença (1481), é conhecido na Europa pol-a magnificencia de suas decorações, e pelos quadros antigos, dos quaes, alguns de Palma o Môço, do Tintoreto e de Bordone. Caso extranho: a divisa do palacio do conde de Chambord é:— *non nobis!*

A *cà Loredan*, mais modesta, não deixam de a considerar em Veneza um dos centros de maior actividade do partido legitimista.

Por vezes, á mesa hospedeira do pretendente hespanhol encontram-se reunidos os pretendentes de Portugal, da França, e da Italia. Depois de escrever estas primeiras linhas, a 8 de janeiro de 1884, ali estiveram, em amigavel convivio, D. Miguel II, os condes de Bardi, o duque de Parma, os duques de Mecklembourg, os principes de Metternich, os duques de Grazia e a condessa de Mocenigo Windiich Graatz.

*
* *

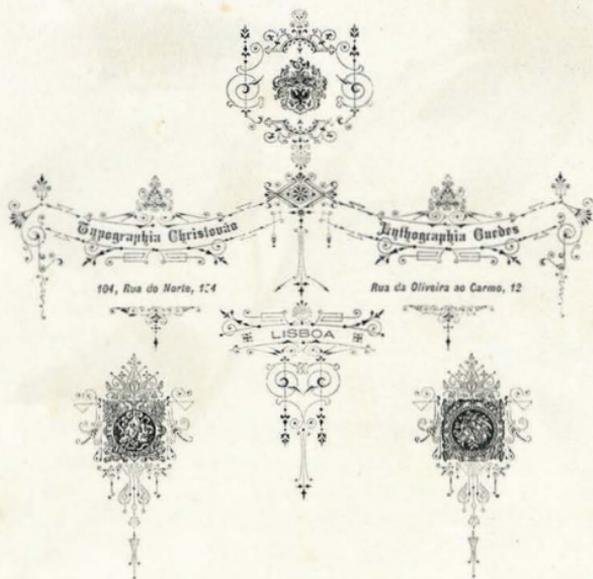
O duque de Grazia, filho do segundo matrimonio da duqueza de Berri, é por isso irmão uterino do fallecido conde de Chambord, Henrique v.

*
* *

D. Carlos tem dois filhos:—D. Branca, n'um convento de Florença a educar; e D. Jayme que está em Windsor no Beaumon-College.

*
* *

Quando se lê nas folhas periodicas ácerca das festas d'aquella sociedade, outr'ora brilhante e hoje de sombras, fica-se acreditando que desceram das douradas molduras de alguma principesca galeria de quadros, como ha tantas na Italia, antigos retratos de familia; os quaes, deixando a mudez serena da téla, foram transformados por algum genio phantastico, do que eram, em creaturas vivas, que, sentindo-se felizes pela sua rejuvenescencia, a uns communicam a alegria e o encanto, que são o privilegio da mocidade; a outros tão sómente a immensa e melancolica tristeza, que despertam os seres e as cousas, que, remoçados pela feitiçaria da arte, não conseguem todavia esconder as rugas fundas, nem a debil fraqueza da decrepitude.

16 de maio de 1884.

Typographia Christovão
104, Rua do Norte, 104
Lithographia Guedes
Rua da Oliveira ao Carmo, 12
LISBOA

Tarantella di Piedigrotta
CARMINELLA
Tempo de Tarantella
CODA
D.C. a 2a vez
Il maestro
Gioacchino Napolitano
Sorrento